

Salvador, BA

FILME DE GERALDO

VIRA O MUNDO DAS

IDÉIAS DE CLASSES

Longe estamos da pretensão de analisar o conteúdo e forma do filme de Geraldo Sarno exibido ante-ontem no ICBA: "Viramundo" Alberto Silva e Lázaro, dr. Walter da Silveira e Alex e outros poderão fazê-lo com bastante segurança e c farão certamente. Vamos destacar apenas um aspeto e escrever para um número restrito de leitores que nem se trata dos amantes do cinema.

Geraldo dá uma grande lição em seu filme: o caráter do proletariado de São Paulo é mostrado nas entrelinhas. Os depoimentos são inúmeros. Todos vão a São Paulo em busca da riqueza. São camponeses médios (e como eles são apegados a esta condição!) que vão a São Paulo. Alguns se dirigem à agricultura, os que não são especializados, outros entram em ramos secundários da indústria, onde não se exige mão de obra muito qualificada; e uns poucos se transformam em "paulistas", cujo exemplo típico é o chefe de secção de uma empresa que recusa o sindicato porque este, no seu entender, defende Cuba e Rússia.

As manifestações religiosas destas camadas são o exemplo vivo da dificuldade de assimilar o novo modo de vida da metrópole e o seu apego ao passado. Há ainda a lição final, o camponês que, desiludido por não encontrar em São Paulo o paraíso terrestre, volta a sua terra para continuar na lavoura. E os que não voltam? Estes permanecem na luta diária por ser o que mais agrada ao patrão, viram sub-chefe, chefe de secção, gerente e se a metamorfose não acontece, ele não deixa de sonhar com o dia que começara a viver e viver para ele (como está num depoimento) e ter sua casinha própria, outra de aluguel, seus filhos e ver o Corinthians e o Santos no Pacaembu.

São milhões que vão a São Paulo e voltam e tornam a voltar na época das secas. Já sabemos disto por observação pessoal. Geraldo traz os dados estatísticos para desmentir os dogmáticos, os fanáticos, ou supostos no Norte, como no sul se difunde o mito do caldeirão do camponês revolucionário do Nordeste. Onde está a ideologia deste "proletariado" paulista. Consultemos os resultados das eleições. Consultemos as pesquisas dos estudiosos de São Paulo que observam o trabalho "in loco". Vejamos o índice de analfabetismo. O eleitorado ainda é a pequena burguesia, numerosa e influente. É o focalizado por Geraldo, o homem que é contra Cuba e Rússia mas que assim como serve a Deus no momento pode servir ao Diabo daqui a poucos minutos.

Já prevejo os "esquerdinhas" esquartejando Geraldo porque não pôs na tela os grandes dias das greves paulistas. Que greves? As greves econômicas? As pouquíssimas greves políticas conseguidas sob o manto de reivindicações econômicas na primeira linha? Os "esquerdinhas", oriundos da pequena burguesia, odiando tremendamente a camada social que lhes pariu (e eles podem estar tanto no Partido Comunista como no partido nazista ou outras organizações secretíssimas que se dizem existir por aí) precisam ser sempre chamados à lucidez, e o curta-metragem de Geraldo é um destes apelos, mostrando que não existe no Brasil ideologia do proletariado e que os operários COMO UMA CAMADA jogam no baralho partido pela pequena burguesia. Geraldo Sarno saiu com a câmara em campo, os revolucionários sub-desenvolvidos continuam a tirar dos manuais de Marx e Engels as fórmulas decoradas. A incapacidade de analisar a realidade do Brasil é a principal característica destes "heróis de um proletariado" cuja ideologia está na cabeça misquiosofrenica da garotada dos cabelos compridos.

CRIVO

● O curta-metragem "Viramundo" cinema-verdade, que trata do êxodo dos nordestinos para a terra prometida que a eles parece ser São Paulo, é uma pequena obra-prima da arte cinematográfica. O baiano Geraldo Sarno, assessorado pelos baianos José Carlos Capinan, Caetano Veloso e Gilberto Gil, realizou uma boa fita, onde o problema do retirante é tratado através apenas de fatos cuidadosamente escolhidos, estudados e lançados à nossa consideração: a nordestino chega a São Paulo, percorre uma verdadeira via-sacra de empregos os mais diversos e depois, velho, escorraçado, retorna para morrer em sua terra, sem nenhum amparo, sem nenhuma proteção. As diversas religiões não o acolhem; não o acolhem também os sindicatos, nem o Governo. O depoimento do nordestino bem sucedido, que tem não apenas a sua casa, mas também uma outra que aluga, e que sonha com pizzarias e cervejas, em contrastes com o depoimento de outro, desempregado — é sobremaneira sintomático, porque mostra o medo que têm aqueles que já conseguiram alguma coisa de perdê-la. Não apontando as costumeiras soluções imediatistas e fáceis o problema apresentado por Geraldo Sarno não é insolúvel e o seu diretor não se omite: o filme deixa claras perspectivas. É, enfim, um filme sob todos os aspectos realizado, e pena é que sua exibição fique restrita a pequenos circuitos de iniciados, e não saia ao alcance do público. No próximo domingo o CRIVO comenta "Memória do Cangaço", de Paulo Gil Soares.

● As novelas de televisão estão na ordem do dia, começando a preocupar os interessados nas coisas da cultura. É deveras alarmante, quando se tem em vista que não apenas a parte menos esclarecida da população feminina brasileira (o elemento masculino nessas audiências felizmente, parece que é quase insignificante), mas estudantes secundárias e até mesmo universitárias deixam o que quer que tenham a fazer naquele horário certo para assistir a meia hora de horas, dramalhões.

Foi lançado no último dia 17 o livro "Do Herói Inútil", da escritora Sônia Coutinho, que, com Noemi Espírito Santo, David Salles e João Ubaldo Ribeiro, foi co-autora do livro de contos "Reunião", um dos grandes momentos da ficção baiana nos últimos quinze anos. Sônia, que além de sua participação em "Reunião" foi colaboradora da revista "Ângulos" do Diretório Aca-